

## Prémio História Contemporânea – 2004 Intervenção do presidente do júri na cerimónia pública de entrega do prémio José Viriato Capela



Reuniu no dia 15 Novembro do corrente ano o júri da 13.ª edição do Prémio de História Contemporânea. Integraram este júri, 2 professores universitários da área científica em que se situa o prémio, o Prof. Doutor António Silva Pereira, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o Prof. Doutor José Maciel Santos, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a que tive a honra de presidir.

Ao Prémio concorreram 7 trabalhos, todos eles estudos produzidos no meio universitário, duas teses de Doutoramento, três teses de Mestrado, duas obras que são o resultado do desenvolvimento de trabalhos curriculares académicos.

Tal facto, a origem universitária das obras, é uma expressão clara do interesse e motivação que representa este Prémio nos meios universitários, facto que já se vem manifestando em prémios anteriores. Significa isto dizer que este Prémio fixou já um perfil marcadamente universitário. Apraz-nos sublinhar e registar este facto para nós do mais alto significado pelo que traduz de qualificação e reconhecimento científico e académico, pois que o prémio é já um lugar de referência para as Universidades portuguesas e domínios académicos e científicos da História Universitária Contemporânea Portuguesa. A ele têm concorrido de facto do melhor que se vem produzindo na História Contemporânea nas Universidades Portuguesas, por aqui vão passando muitas "obras primas" muitas vezes também as primeiras que os investigadores que iniciam ou aprofundam as suas carreiras fazem, e como tal também, por eles, se ensaiam ou tratam matérias pioneiras na investigação em História Contemporânea.

É pois com satisfação que nesta cerimónia de entrega do Prémio na passagem do 1.º aniversário da morte de Víctor de Sá, podemos dizer que a semente que lançou com o seu estudo, investigação, magistério e instituição deste Prémio está a produzir frutos. Como é também uma oportunidade para nos congratularmos com o Conselho Cultural da Universidade do Minho, pelo cumprimento do dever enquanto responsável pela Organização do Prémio.

E quero naturalmente associar aqui e lembrar a memória do Prof. Hélio O. Alves e de todos quantos ao longo dos anos foram contribuindo para que ele se realizasse regularmente com a publicitação adequada, procura de apoios, escolha criteriosa de júris, e na realização da cerimónia pública de apresentação da obra vencedora, a que hoje procedemos mais uma vez.

A escolha da obra merecedora do Prémio e a seriação foi trabalhosa porque como se referiu, as obras são de grande valia, não tivessem elas na sua generalidade, já sido objecto de avaliação académica como obras de grande mérito.

Os critérios que seguimos para a entrega do prémio e a seriação, foram por isso cuidadosamente fixados, para nos permitirem pautar a escolha por critérios de ordem científica que rapidamente se sintetizaram nos seguintes pontos:

- 1 - Na amplitude de abordagem do tema, expresso na sua contextualização, na complexidade dos seus condicionalismos ou causalidades;

- 2 – Na arquitectura, unidade e partes da obra, em resultado do equilíbrio, integração e escolha criteriosa dos elementos da sua construção e argumentação;
- 3 – Nos utensílios e referências teórico-epistemológicas adequadas ao tema a tratar, designadamente:
  - a) Bibliografia de referência fundamental;
  - b) Problematização e apreciação em articulação com aquela bibliografia dos casos e situações.
- 4 – No contributo científico da obra para o objecto de conhecimento em causa, expresso:
  - a) Nos contributos novos e inovações;
  - b) No desenvolvimento ou aprofundamentos das matérias;
  - c) Nos elementos de prova carreados.

Da seriação final resultou a atribuição por unanimidade do prémio ao trabalho de Filipa Lowndes Vicente – *Viagens e Exposições, D. Pedro V na Europa do Séc. XIX* e a menção honrosa ao trabalho de Paula Alexandra Borges dos Santos – *A Igreja e o 25 de Abril – O “caso” Rádio Renascença (1974-75)*.

Permitam-me uma breve nota de apresentação das obras concorrentes. Sobre a obra vencedora teremos a oportunidade de ouvir “a interpretação autêntica” da sua autora.

Um primeiro conjunto de 3 obras situam-se no campo que podemos intitular da História Política: de José Miguel Sardica – *Um Homem para todas as causas*. (É como o subtítulo indica) a *Biografia do Duque de Ávila e Bolama* (Tese de Doutoramento). É um escrito num género historiográfico sempre apaixonante porque liga a História ao que ela tem de mais humano: a vida e a história do indivíduo. É uma biografia de uma figura importante do nosso Liberalismo (figura típica cartista) mas também por ele dos caminhos da implantação do Liberalismo.

O Duque de Ávila e Bolama passa por ser a figura em que Eça de Queirós se inspirou para a composição da personagem o Conde de Abranhos. Por ela

poderão pois os historiadores-biógrafos e os historiadores da Literatura fazer aproximações e comparações às expressões e limites das respectivas criações – a Histórica e a Literária.

De Helena Moreira da Silva – *A Monarquia do Norte*. (Como o subtítulo refere) *A Tentativa de restauração monárquica no Porto e a reacção do regime republicano*. Tese de Mestrado.

É este um contributo importante de aproximação à Geografia e Sociologia mas também à Ideologia, daquela revolta e revoltosos, adentro da ideologia e sociologia monárquica do corpo militar (juntas militares), mas que pretende também seguir as bases portuenses e nortenhas da revolta, e ainda da reacção republicana à insurreição, que foi nas palavras da autora «a última profunda manifestação monárquica com a utilização da força (militar)».

No campo da História Política situamos também o trabalho de Paula Borges dos Santos sobre a *Igreja e o 25 de Abril – O "caso" Rádio Renascença (1974-75)*. A obra tem como pano de fundo para a análise daquele evento a evolução e o quadro das relações da Igreja – Estado no Antigo Regime Salazarista e Marcelista no pós 25 de Abril. Mas também o papel e o lugar dos meios de comunicação social – em especial o radiofónico – e a sua utilização pela Igreja Católica Portuguesa. Tal permitiu situar numa perspectiva de mais longo prazo se não as razões da eclosão «caso Rádio Renascença», que parece claramente conjuntural e típico de uma situação revolucionária, pelo menos a resolução e ultrapassagem do conflito pela recuperação dos termos e do quadro tradicional das relações entre Estado e Igreja, mas também das respectivas tradições, ainda que recentes, de uso dos novos meios de comunicação social.

Estudo que pela sua importância nos merece uma menção honrosa. Trata-se de facto de um contributo muito significativo para a abordagem deste tema e de um evento que ao tempo e ainda hoje mobiliza paixões e opiniões, o que a autora abordou com a fixação crítica de documentos e depoimentos que permitem uma apreciação serena, distanciada, e crítica dos acontecimentos.

Um segundo conjunto de trabalhos insere-se no campo da História Cultural, ou mais precisamente na História Político-Cultural. O trabalho de Marco Daniel

Duarte – *A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: ícone de poder*, conforme o subtítulo indica é um *Ensaio iconológico da imagética do Estado Novo*.

É um estudo que desenvolve sobretudo os conteúdos historiológicos dos temas e figuras tratadas na escultura, baixos relevos, tapeçaria e pintura daquele edifício da Cidade Universitária de Coimbra. É, sem dúvida, um contributo importante para um capítulo de uma História política da Arquitectura e Arte Portuguesa para além naturalmente, da veiculação do imaginário e ideologia do Estado Novo, isto é, da História Política.

Outro trabalho é o de Gisela Machado – *O Primeiro dia "Europeu" de Portugal: cenas de uma união pela televisão*. Que é, na expressão do subtítulo *"Análise da telecerimónia de assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE...* (Dissertação de Mestrado).

Registe-se a fixação deste tema, que à primeira vista nos pareceria um trabalho a situar fora da História, ou ainda não dentro da História, talvez mais próximo das Ciências da Comunicação. Mas o trabalho pretende inserir-se num largo fundo histórico quer pela metodologia de abordagem da temática, quer porque o tratamento do tema se desenvolve também num largo estudo da História da aproximação de Portugal à Europa no século XX.

Finalmente o trabalho de Jaime Gouveia – *História, Administração e limites no planalto Beirão (um estudo de caso)*. Este é um sugestivo ensaio sobre os caminhos históricos-administrativos, políticos, religiosos e outros da construção dos limites territoriais das comunidades paroquiais, concelhias e regional, mas também os da sua percepção social no passado e no presente, com o recurso aos diferentes níveis estratigráficos da construção e transporte da memória desses limites que são também identidades. Interessante ensaio e reflexão esta, de grande actualidade, sobre um tema que recorrentemente se levanta na sociedade portuguesa, onde a memória dos limites – e das instituições que as conformam e preenchem – emergem em programas de restauração político-administrativa.

Sobre o trabalho de Filipa Lowndes Vicente, premiado, devo referir que ele conciliou a unanimidade do júri. Trata-se de uma tese de doutoramento entretanto

dada à estampa. É um trabalho que se insere num campo novo de estudos da Historiografia portuguesa, que na esteira da Historiografia inglesa se pretende inserir na História da Cultura Visual ou mesmo dos Estudos Museológicos.

Em breve nota quero sublinhar o carácter singular desta obra no contexto dos estudos sobre D. Pedro V. A figura do Monarca, as suas viagens e relatórios (relatos) de viagem têm sido já objecto de publicação e estudo. Mas este trabalho é uma abordagem que se coloca – e nos coloca – num plano novo de abordagem às viagens de D. Pedro V. Como «História de cultura visual», que é o plano epistemológico em que se coloca, é o caminho de aproximação do "aprendiz" de monarca à cultura e civilização europeia – através das visitas aos grandes Museus e Exposições – mas por ele, também, as possibilidades sociais e culturais de acesso da Nação Portuguesa àquela cultura e civilização. Cultura e Civilização que agora se fixa mais intensamente no campo das Ciências, das Técnicas e do Desenvolvimento Económico através da qual o "infante" monarca tentará depois reformar e modernizar o Reino.

A obra de Filipa Lowndes Vicente concitou por aqueles critérios atrás definidos a unanimidade do júri.

A cerimónia da entrega do Prémio de História Contemporânea ocorre num momento particular da sua vigência. É a primeira entrega após o falecimento do seu instituidor, Victor de Sá.

Para fazer a evocação de Victor de Sá solicitamos a colaboração do Prof. Doutor Luís A. de Oliveira Ramos que com ele conviveu alguns anos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e conhece bem a sua obra. Disponibilidade que muito agradecemos.

Nesta circunstância não quero também deixar de referir a conjugação de dois factores que entendo se devem articular nesta homenagem devida à memória de Victor de Sá.

O primeiro facto tem a ver com a inauguração pública, marcada para o próximo dia 21 de Dezembro, da "Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva" (integrada no programa Bibliópolis), fundação de parceria entre a Universidade do Minho e a Câmara Municipal de Braga. Para referir quanto a ideia e o programa da Leitura

Pública e a constituição de uma rede de Leitura Pública foi um pensamento mas também uma construção de Victor de Sá que a desenvolveu a partir de Braga! É efectivamente uma feliz conjunção esta de no ano que passa sobre a sua morte se abrir em Braga, uma Biblioteca para a Pólis, projecto que tanto acalentou.

O segundo facto tem a ver com os desenvolvimentos que hoje se verificam nas Universidades Portuguesas, em busca de novos públicos, por razões conjunturais, mas também por razões estruturais de abertura e alargamento social e cultural da Universidade à Sociedade.

Este é um programa que passa também e se insere na corrente da democratização do ensino e da Universidade de que Victor de Sá foi um paladino no seu tempo. Numa altura em que a Universidade do Minho se lança também em novos projectos de alargamento das suas fronteiras, em projectos dirigidos aos novos públicos – como é o caso dos cursos livres de acesso à Universidade para candidatos maiores de 25 anos – com o objectivo de criar condições de acesso e frequência da universidade para um segmento da população que dela se viu arredada, por vários factores – esta homenagem a Victor de Sá é também um preito de agradecimento pelas perspectivas abertas a que hoje a Universidade Portuguesa pode dar mais largo desenvolvimento. Para terminar: Quero agradecer em nome da organização do Prémio às autoridades que nos honraram com a sua presença nesta cerimónia de entrega do Prémio e aos demais presentes. Um agradecimento também às instituições que vêm colaborando com o prémio. Um agradecimento aos membros do júri que participaram na selecção da obra e aos concorrentes aqui presentes. Finalmente uma felicitação à Premiada e à Menção Honrosa deste Prémio de História Contemporânea 2004.